

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redtor-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração  
LADEIRA DO CARMO N.º 7  
Expediente à noite

ASSINATURAS:  
Numero avulso \$200 Semestre \$1000  
Ano 10000 Pacote: 12 exemp. 25000

Toda correspondência, valiosas e registradas  
devem ser endereçadas à Caixa Postal, 190  
S. Paulo - Brasil

## Inversão de trabalhos e trabalhos invertidos

Nos tempos que já lá vão, quando nesta enorme fazenda tudo se fazia ao toque de caixa de uma vontade descrecionista; quando um bom numero de velhos decrepitos iam para as salas do Senado a fungar as suas pitadas de repé e aprovar as declarações de S. Magestade o Presidente Real da República, invertia-se a constituição, fazendo avidos mouços as leis que conagram, no velho calhamaço de 91, algumas liberdades populares, e arregalando os olhos para a elasticidade das medidas repressivas.

Quer dizer: Pela vontade soberana de um homem que tinha o atrevimento de se dizer eleito do povo para dirigi-lo e governá-lo, mas cuja eleição era o produto de vergonhosas combinações politicas, de cavilosos cambalachos respeitavam-se ou não as leis, conforme as conveniências, pisava-se nos pés a constituição, invertiam-se os seus itens e escamoteavam-se, quando era preciso aos seus interesses partidarios, os seus artigos de lei!

Erans tantas as marroteiras, era tal o desrespeito aos sentimentos do povo, um belo dia, descendo os passos do grande, acumulava-se ao povo destes brasis, que tudo isso ia acabar, que o povo ia ser senhor dos seus destinos.

O povo abriu os braços aos "salvadores" da Patria, virou a geringonça politica, e pôs no Catete o sr. Getulio Vargas.

Como não se salvou coisa alguma e como ha presenças de descontentamento em consequencia de nada ter feito a revolução de 30 em beneficio do povo os "revolucionarios" sentem fugir-lhe o chão sob os pés, e precisam assegurar a posição das suas conveniências.

Como a palhaçada da Constituinte tem provocado certos senões quanto à orientação politica, resolveram os "salvadores" da nossa terra demonstrar que havia terminado o regime da fraude, das submissões ao poder, das imposições dos governos.

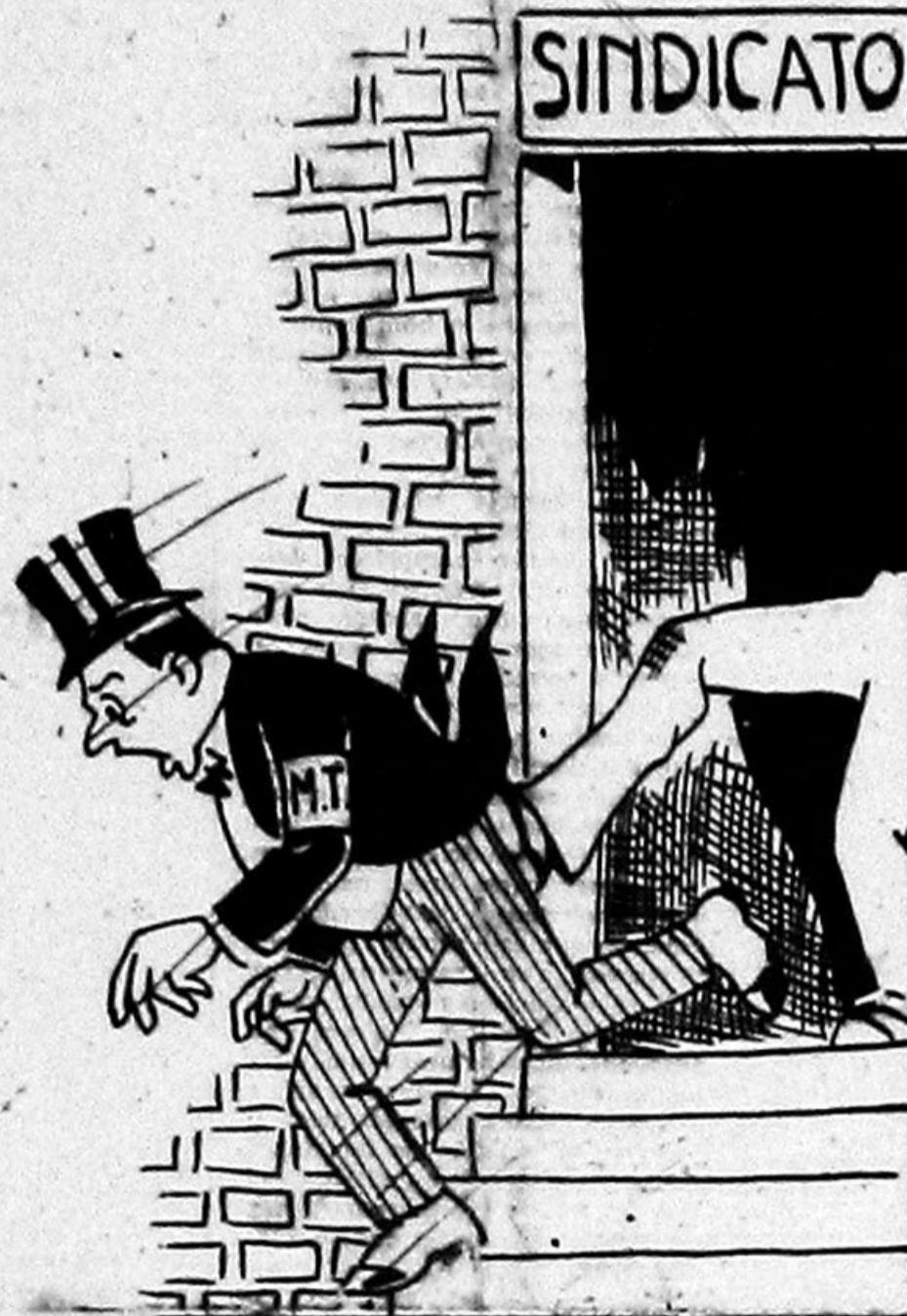
Em vez de inverter as leis da Constituição, como prova do respeito que vão ter por essa mentira convencional da sociedade capitalista, começaram por inverter os trabalhos da Constituinte, para que o povo não se queixe depois que não estava avisado.

Isso de povo, o estrilo é livre. Quem pôde, pôde! Os governos são todos iguais. Principalmente agora, nesta época de coisas invertidas...

Os trabalhadores não devem esperar das agestes do Ministerio do Trabalho nenhum beneficio.

Quando tentarem intrometer-se na vida associativa do proletariado, cada operario, para ser coerente com as suas necessidades, deve e revelar os seus sentimentos de homem livre applicando-lhe no respectivo traizeiro o correctivo a que faz jus, e expulsando-o do seu sindicato de classe, onde só tem direito a estar os que amargam a vida com o suor do rosto.

No sindicato não deve haver lugar para as raposas da politica.



A história politico-social de todos os países do mundo nos ensina que nenhuma forma de governo foi capaz de pôr termo ao sofrimento das massas trabalhadoras.

Quanto mais o Estado se aproxima do proletariado, maiores e mais cruéis são as formas de tirania exercidas pelo poder.

Quando os politicos, profissionais da vaidagem, da engano e da tirania apertam as mãos aos trabalhadores, é com o intuito de não arrefecer o sentimento de revolta contra a burguesia, despertado pela fome e pela miséria.

## O mendigo milionario é o espelho moral da burguesia

PAULO PRADO DO AMARAL

Em torno desse moço achado por acaso depois de por acaso também se haver perdido, esvoaçam estalmados os interesses criados pela sociedade capitalista.

Ele é neste momento, dentro do ambito social da vida paulistana, o reflexo desse mundo de crimes, de tragédias, de imoralidades, de avarezas e crueldades.

O moço milionario é o pivot em torno do qual giram, num rodopio frenético de ambições, os abutres de todas as espécies, que se degladiam, se insultam e se mordem, na disputa da sua fortuna, fruto já de explorações e miserias morais.

Nesse revoltante rodopio de ambições criminosas desaparecem, mutilam-se, escarrapantam-se os mais belos sentimentos. Tudo se prostitui, tudo se vende: o amor materno, o amor fraternal, a solidariedade, a honra, o caracter, a beleza, tudo!

Tudo rende culto ao deus milhão e se emporcalha na lama da podridão social.

D. Josim do Amaral, que ha pouco faleceu, e Paulo Prado do Amaral, este ao entrar na vida e aquele já no occaso da existencia, simbolizam os dois extremos inconscientes da vida humana, nesse farfalhar de crimes e imoralidades em que chafurda a alma da sociedade burguesa.

Toda essa história que tem ocupado meses a fio as colunas de todos os jornais é apenas isto: uma comédia grotesca, transformada em dolorosa tragédia, cujos personagens se movimentam num delirio louco, para atingir o famoso bezerro de ouro, não se importando se pelo caminho vão deixando rastros de sangue, de corpos estraçalhados e almas pervertidas.

## A FAMOSA QUESTÃO DAS FÉRIAS

Está de novo em cena a pantomima da lei de férias. O famoso Ministerio do Trabalho, esse espantinho que a Revolução de 30 em má hora abortou, acaba de tirar a mascara e mostrar a sua face reacionaria, com todas as características do seu feroz partidarioismo burgues.

Valendo-se dos meios de repressão que tem ao seu alcance, conseguiu, aproveitando-se para isso de velhas raposas da politica e de bachareis sem futuro, introduzir-se na vida proletaria, organizando uns sindicatos que não passam de sucursais policiescas dos gabinetes de investigações.

Felizmente, em São Paulo, não obstante as tentativas feitas por todos os meios, desde a penetração sorrateira ás ameaças e perseguições, o operariado não se deixou arrastar nas malhas dessa rede a serviço dos interesses capitalistas.

O proletariado paulista, orientado pelos principios politicos da Federação Operaria de São Paulo, soube repelir, respondendo sempre com manifestações de protesto a tentativa de lhe pôrem o freio na boca e as algemas nas mãos.

Por isso mesmo, fracassados todos os planos postos em pratica pelos emissarios do Ministerio do Trabalho, desde o célebre Silveira Lobo ao incapacitado Mascini, com passagens pela história do "valentão" Bento Borges que arreganhou por varias vezes os dentes á consciencia livre dos trabalhadores de São Paulo, quando chefe de Policia do governo Valdomiro Lima, acabando por meter o rabinho entre as pernas e, sacudindo as asas das suas inutilidades, arlar para as paragens nordestas, o Ministerio do Trabalho architectou uma nova modalidade da sua maneira de convencer. Baixou um decreto, regularizando a Lei de férias, negando o direito do descanso anual aos trabalhadores que não se submetterem ao freio das suas imposições fascistas.

Aos operarios sindicalizados pelo Ministerio do Trabalho, isto é, aos operarios que declinem das suas liberdades, dos seus sentimentos e das suas dignidades, o patronato dará, com satisfação as férias.

Nada lhes custa, porque os patrões estão certos que esses dias de descanso a que tem direito os trabalhadores serão arrancados das suas proprias costas, da sua propria miséria.

Aos que não queiram submeter-se ao cabresto do Ministerio, para esses ha o chanfalho, a pata de cavalo, os gases lacrimogenios e as ilhas pestilentas para os mais renitentes.

É preciso que os trabalhadores compreendam bem o alcance da nova arma do capitalismo, para estarem preparados e responder com dignidade aos golpes com que o Ministerio do Trabalho pretende ferir os interesses do proletariado.

É preciso que se convençam que a Lei de férias é uma conquista proletaria; que as férias são dadas aos trabalhadores porque estes, em movimentos de continuo protesto determinados pelo descontentamento em virtude do desequilibrio de um contraste social que os força a pensar, as conquistaram. Essa, como todas outras leis sociais, é dada ás classes proletarias porque os movimentos de revolta do proletariado desequilibraram as instituições burguesas e põem em perigo os governos. A burguesia nunca cede um milimetro das suas po-

sições, a não ser quando lhe seja arrancado pela ação jirética dos trabalhadores contra a sua insaciavel voracidade.

Quando cede, trata de reconquistar o pouco que ceu e do povo que trabalha e sofre é que siem sempre essas mesmas regalias que ele conquistou, formando-se um circulo vicioso de interesses em choque, de lutas e dissabores que só terão fim com a conquista, pelos trabalhadores não do poder, mas das fabricas, das oficinas e dos campos, que devem servir á coletividade produtora e não á ociosidade nefasta da burguesia em detrimento dos que produzem toda a riqueza social.

A prova do que afirmamos está na injusta interpretação que os famosos protetores dos operarios empoleirados nos salões vastos do Ministerio do Trabalho tem dos direitos humanos.

O recente decreto não dá direito aos operarios que queiram conservar a sua personalidade independente dos freios do Ministerio.

E sabem os trabalhadores porquê? por isto: O Ministerio do Trabalho, órgão da burguesia, não pôde prejudicar os interesses da classe a que pertence. É preciso dar as férias, porque é preciso contentar os operarios descontentes.

Mas como não podem sair dos cofres do patronato, é preciso que os trabalhadores, como condição ao direito de férias, concordem em ser escravos, deixando-se amarrar ás conveniências do capitalismo.

Este é o aspéto moral. Mas temos agora o aspéto economico da questão.

Para sustentar o Ministerio do Trabalho, os seus ministros, os seus escrivães, as suas datilógrafas, enfim, essa burocracia que consome uma sóma respeitável do erario publico, também não pôde ser á custa da burguesia.

A caderneta profissional que o Ministerio impõe aos trabalhadores com o fim de controlar policiescamente as suas atividades, e cujo valor material não vai além de 500 Réis cada uma, é empurrada, imposta, obrigatoria, aos trabalhadores ao preço de \$8000 Réis.

Calculem os operarios os milhões de trabalhadores que há em todo Brasil, e encontrarão a razão das perseguições aos que não se querem submeter á Lei de sindicalização, que tanto empenho tem o Ministerio e o patronato em impôr aos operarios.

Pelas organizações patronais está sendo remetida aos industriais de todos os ramos uma circular com recomendações especiais a respeito do assunto.

Temos em nosso poder uma dessas circulares na qual se recomenda, em termos destacados e salientes, que "Os operarios que não pertencerem a sindicatos legalizados, não tem direito ás férias."

Isso quer simplesmente dizer que estamos em pleno regime fascista, que a liberdade está cada vez mais comprometida, que aos trabalhadores já é negado o direito da livre associação.

Essa preocupação das classes patronais revela perfeitamente o interesse que a burguesia tem em ver os trabalhadores amarrados ás suas conveniências pelo cordão umbelical do Ministerio do Trabalho, a mais embusteira e perigosa instituição da burguesia contra os interesses proletarios.

## A obra do fascismo

Descrita pelos proprios fascistas

Perdida num canto de uma revista científica italiana, fugida á necessaria "prudencia" do seu director e ás argutas sanções da censura fascista, appareceu a seguinte descrição do nivel intelectual e moral a que a Italia desceu sob o regime fascista:

"São verdadeiramente desconsoladoras a opatia e a indiferença que se notam. Já ninguém lê, já ninguém se apaixonou por nenhuma idéa. E não é apenas por motivo do grave pão quotidiano, tão difficil de ganhar e de garantir continuidade. Observa-se tambem que se perdeu o estimulo para estudar e observar, com serenidade e com o desejo de se conhecer a verdade, as acontecimentos e os problemas da nossa época."

(Do jornal português "República", de Lisboa.)

## Estilhaços...

ESQUEÇA DEUS

Desperta humano Sr., e detemido propaga sem temôr a liberdade; constrói sobre este mundo pervertido uma vida de mais fraternidade!

Esquece esse fantasma desmedido que amedronta esta pobre humanidade, cujo amor pelos padres é vendido na torpeza brutal da falsidade!

Este deus que desdenha dos aflitos, que consente os banquetes desta orgia, que habito sempre em todos os malditos

Que é amigo e protetor da burguesia, não suado que não ouve nossos gritos e quer matar-nos pela idolatria!

ADALBERTO VIANA

# Em torno de uma obra significativa

O tema de atualidade: A atitude do proletariado

"El Auto Uruguayo", de Montevideo, publicou um estudo sobre a obra e a personalidade de Hildegart, a jovem revolucionária assassinada pela própria mãe em consequência dos seus sentimentos rebeldes, que constituiu ao mesmo tempo um profundo estudo do momento social.

Publicamos no presente numero o primeiro capítulo desse trabalho, reservando para o proximo numero o resto desse estudo que os leitores de "A Plebe" terão interesse em conhecer.

## REALIDADES DO CAPITALISMO ALEMÃO

No seio do capitalismo atuam forças contrárias, antagonicas, dissonantes, efeito natural das imperfeições do regime.

Mas por enorme que seja esta obra demolidora o regime capitalista se mantém: somente em consequência de uma luta tenaz, incansável, sistemática e refletidamente levada a cabo pelo proletariado posto em plano de combate, poderá ser derrubado.

Se as energias combativas do proletariado se dispersam, se os elementos que devam executá-la não conservam uma rígida pureza de princípios e táticas, impossível se tornará levar ao triunfo a causa do proletariado.

Não será a política que fará a verdadeira revolução — as revoluções políticas não são mais que paliativos — ficam na história os exemplos — é a capacitação científica dos trabalhadores nos meios de combate e de organização.

Na Alemanha social-democrata, caída nas malhas do nacional-fascismo sem mais transição que a captação política das grandes massas, é um exemplo de dolorosa experiência.

Enquanto todas as forças reacionárias trabalham tenaz e solidariamente no sentido de esmagar as manifestações de rebeldia, as tendências proletárias da política, encerradas na preocupação das discussões doutrinárias dos seus pontos de vista ideológicos — a maior parte das vezes de relativa importância — atiram-se mutuamente o "fofo" e "fofo" das culpas e desvios, entrando muitas vezes no armazém da calúnia, e ofendem de "entregadores".

E enquanto isso, como sempre, os socialistas, socialistas-independentes e comunistas, perdiam-se no exame de teorias literário-marxistas, escondendo o corpo quando os elementos trabalhadores lhes pediam o fato revolucionário imediato, a revolução nas ruas.

Enquanto isso acontecia, gestava-se uma teoria pseudo-social com teses arrancadas à mesma teoria marxista, que, financiada pelo capitalismo e amparada pelo militarismo, deveria ser a navalha que causaria novas vítimas e à qual se haviam de pegar, com o andar dos tempos, os proprios socialistas com a autorização da propria Comissão Executiva Nacional do partido e que mesmo os comunistas aceitavam como uma realidade nacional inevitável, ou que eles, os chefes, não haviam sabido ou querido evitar: o hitlerismo.

É este o quadro da Alemanha de após-guerra, traçado sinteticamente por Francisco Mateos em "La Tierra", de Madrid, em 27 de Abril de 1933.

Na Alemanha, como na Espanha, se produziu a classica revolução socialista, a que já podemos adjectivar classica revolta socialista.

Ela fixa o padrão, estabelece a norma de todas as posteriores convulsões sociais que de 1920 para cá houve em todo mundo civilizado: os dirigentes social-democratas seguiram essa falsa senda com o apoio — ou pelo menos com a indiferença — dos proprios comunistas que, encandilhados pelo centralismo estatal como base contrária do socialismo, são os primeiros a combater a obra iniciada na revolução.

A Alemanha republicana da revolução não aparecerá como a explosão genuína das rebeldias populares. O palhaço ditador com pretensões nobilitaricas e propósitos de iluminado — Hitler, que aparece no cenário da Alemanha social-democrata com entusiasmadas messianicas, não é mais do que um decabele onde ha de repousar a restauração do trono, dos Hohenzollern, que, segundo o programa da revolução socialista proclamaram com muitos alvoroços, com muitas declamações e musica de charanga, nunca mais poderia restaurar-se.

Se no principio as discrepancias de Bakunine e Marx se fundamentaram em questões doutrinarias, o sacerdotio que detraiz de "O Capital" se foi gestando ao aprofundou, exacerbando, e levou primeiro a polémica em questões de "tática" e logo a seguir a rivalidade no campo da politica, terreno ao qual Bakunine, sem embargo, não quiz descer.

Se no principio as discrepancias de Bakunine e Marx se fundamentaram em questões doutrinarias, o sacerdotio que detraiz de "O Capital" se foi gestando ao aprofundou, exacerbando, e levou primeiro a polémica em questões de "tática" e logo a seguir a rivalidade no campo da politica, terreno ao qual Bakunine, sem embargo, não quiz descer.

Se no principio as discrepancias de Bakunine e Marx se fundamentaram em questões doutrinarias, o sacerdotio que detraiz de "O Capital" se foi gestando ao aprofundou, exacerbando, e levou primeiro a polémica em questões de "tática" e logo a seguir a rivalidade no campo da politica, terreno ao qual Bakunine, sem embargo, não quiz descer.

Se no principio as discrepancias de Bakunine e Marx se fundamentaram em questões doutrinarias, o sacerdotio que detraiz de "O Capital" se foi gestando ao aprofundou, exacerbando, e levou primeiro a polémica em questões de "tática" e logo a seguir a rivalidade no campo da politica, terreno ao qual Bakunine, sem embargo, não quiz descer.

Se no principio as discrepancias de Bakunine e Marx se fundamentaram em questões doutrinarias, o sacerdotio que detraiz de "O Capital" se foi gestando ao aprofundou, exacerbando, e levou primeiro a polémica em questões de "tática" e logo a seguir a rivalidade no campo da politica, terreno ao qual Bakunine, sem embargo, não quiz descer.

"Antes do seu advento ao poder fizeram promessas que mais tarde, com a responsabilidade de governantes acharam irrealizáveis."

É a dualidade, a duplicidade — melhor dito, pois em politica a dualidade é demasiado comum para chamar atenção — que caracteriza os social-democratas que, por uma parte elaboram um programa ideológico e por outra o pisam aos pés com a maior senciernomia, nesse afan que lhes é peculiar de conquistar o poder burguês.

## MARX ENDEUSADO

Essa conduta, falaz, hipócrita que implica na simulação de ideias que não se sentem de coração, é consequência do endeuamento de Marx pelos viveedores socialistas.

Os continuadores e sucessores de Marx elevaram a sua doutrina a dogma e não modificaram nem um ápice a tradição que se lhes ha transmitido: a rotina os mantém no mesmo lugar em que os colocara o fundador da ideologia; sem embargo, seguindo as imutáveis e ineludíveis leis da evolução — que embora pareçam à primeira vista ignoradas por Marx — lhe eram bem conhecidas —, se hoje Marx viesse adita-las-lhe possivelmente ao enorme processo que tem experimentado a civilização, sobretudo depois do desenvolvimento da industria, e mais ainda depois da guerra de 1914, e ainda, como resultante destes fatos, depois do exorbitante auge a que atingiu a maquinaria.

Hoje é quimera querer seguir ao pé da letra, sem tirar nem pôr uma virgula, os principios assentados ha mais de meio século por Marx; seria uma aberração; por isso fracassa o doutrinarismo rotineiro dos socialistas.

No ideário Marxista houve e ha muitos ensinamentos para os homens; mas o mundo evoluiu, a organização social mudou tanto que, em síntese, o marxismo integral não resta mais que como experiência histórica, segundo a expressão de Hildegart nesse sentido.

Por isso é forçoso responder afirmativamente a esta interrogante de Hildegart:

"... não necessitaremos agora mais urgentemente uma depuração do marxismo que amplie e torne mais elastico o seu programa, ate aqui excessivamente rígido?"

Até ao presente o que fiz ram os socialistas? Converteram a obra de Marx em um canone sagrado; fizeram de "O Capital" uma biblia, na qual, como na dos hebreus, não ha uma só palavra duvidosa; quer dizer, é preciso fazer cegamente aquilo que ali está escrito.

"Somente os anarco-sindicalistas, os comunistas libertarios se haviam lançado na qualificada heresia de conciliar a Marx ideologicamente com os seus tradicionais inimigos: Proudhon e Bakunine."

Este era o crasso sacrilégio. Não havia, tendo-se em conta o que diziam os que, aferrando-se a Marx como táboa de salvação, nos embates da vida o explorava em seu exclusivo proveito, contacto possível entre os dois grupos.

Foi esta intransigencia, foi este fanatismo e esta fobia que, nos alhores das lutas do proletariado contra o capital, dividiu o campo em duas grandes fracções.

Dois homens, Marx e Bakunine, presidem á divisão atuado movimento emancipador proletario.

Marx com um calhamaço científico, especie de nova biblia, "O Capital" e esta palavra de ordem: Conquistar o Estado para destruir o Capital.

Bakunine, propondo a luta contra as instituições, nos legou esta frase, que hoje tem sabor de profecia: "O Estado vos conquistará a vós."

Essa divergência, pois, que se originou em questões ideológicas, produziu a triste realidade da desunião do proletariado.

E o mais amargo de tudo isto, o que mais dilacera e decepciona, é verificar que a predição de Bakunine se vai cumprindo inexoravelmente desde o instante mesmo em que a doutrina de Marx caiu no vortice da politica, nas mãos dos fariseus do proletariado.

Se no principio as discrepancias de Bakunine e Marx se fundamentaram em questões doutrinarias, o sacerdotio que detraiz de "O Capital" se foi gestando ao aprofundou, exacerbando, e levou primeiro a polémica em questões de "tática" e logo a seguir a rivalidade no campo da politica, terreno ao qual Bakunine, sem embargo, não quiz descer.

AURELIO FUENTES (conclui no prox. numero)

Neste nosso país de poetas e tabiás, de gritos de arapongas e vastidões imensas de florestas virgens, tudo é grande, desmedido, incommensurável, desde a miséria do Gôes á falta de vergonha dos nossos homens públicos.

Andamos, graças a deus, agarrados ao lastro das experiencias psicologicas, e vamos apalpando, ás tostias, por caminhos já pisados e tropeçados pelos velhos países das "Orópas".

E o pior é que nem mesmo no lastro dos tropeços somos capazes de andar.

De vez em quando, devido ao mau estado em que estão as nossas carinholas do desprogresso, desprendemo-nos do conjunto e o mundo vai rodando deixando para tras, como coisa imprestavel, o trombolho da nossa vida.

Depois de 48 anos de um regime em que já nos havíamos desprendido desse tronco de escarvo, dessa enorme senzala que é o Vaticano veem agora uns patascos, que encheram os vastos campos da nossa imensa carta geografica com relumbantes palavras de liberdade, e que o nosso povo, simples e bom como é, acreditando nas suas promessas "salvadoras" foi até aos campos de renhidas lutas; que se alvoroçou de braços abertos para receber os cavaleiros simbólicos de uma illusoria felicidade que apareceram democraticamente no bojo de cavalos pampelros, desenhando a côr vermelha de uns lenços atados ao pescoço, para fazer-nos engulir com todos os cravos e ferraduras um manhoso cavalo de trola.

Inspirados nas profundas revelações "científicas" de um papa papudalissimo que pretendeu resolver a questão social com a "justissima" formula de quem não tem que comer passa fome, os "divinos" combatentes da "liberdade", acharam que essa senhora era muito atrevida, e amarraram-na á cruz enfiada de um mosteiro velho e sombrio, puzeram-lhe um opa enzebadado, acenderam-se um cirio lamuriento, e ofereceram-na agora ao povo, jesuiticamente, com a "espinhosa" missão de nos fazer tragar o vinho dos galbêtes sacristas, e engulir, mesmo que a mastiguetemos a hostia dos confessorarios.

Para o sr. Washington Lu's, o problema social era uma questão de policia, mas para os senhores cavaleiros da Arca de Noé a questão social é uma questão de bentiños e seus bestas.

Depois disto, só mesmo declamando com profundo suspiro: "Oh que saudade que eu tenho de Aurora da minha vida."

## Brindes para "A PLEBE"

Grande tombola de objetos de arte

Conforme noticiamos em nosso n. 50, dando noticia do Pique-nique de "A Plebe", do camarada C. Pina, recebemos uma linda fruteira trabalhada em ferro batido, com artisticos enfeites de rosas.

É um verdadeiro mimo de arte de serralheiro.

Esse objeto, por ser de inestimavel valor, reservamo-lo para ser feita uma tombola entre os camaradas daqui e do interior, pois que, no leilão do pique-nique não alcançaria nem mesmo a vigessima parte do seu valor.

Nestes dias recebemos do camarada Manoel M. Freitas, de Camoínas, um BELÍSSIMO TINTEIRO, com embasamento de mármore bege, com dois depositos para tinta de finalissimo cristal.

É um mimo artistico e de valor. Desses dois objetos resolvemos fazer uma tombola entre todos os nossos camaradas e amigos da capital e do interior.

Serão feitos mil cartões numerados, ao preço de 15000 cada um; a extração será feita pela Loteria Federal a ser extraída no dia 28 de Abril do corrente ano.

Apelamos aos camaradas do interior para que pegam sem perca de tempo a quantia de cartões que julgarem possível vender entre os seus amigos.

Um donativo para "A Plebe"

Do longinquo Estado do Ceará, o nosso amigo Euzébio Castelo, remeteu-nos um exemplar, encadernado em ótimo estado, de A CONQUISTA, celebre romance do conhecido escritor Coelho Neto.

Acompanhava o livro um bilhete dizendo: "Peço aceitels esta oferta para ser transformada em munições para "A Plebe"."

Dos amigos que queiram adquirir este livro e beneficiar o jornal, acclatemos a maior oferta que nos for feita até o dia 31 do corrente mês.



## Do Rio Grande libertario

Agora mais do que nunca precisamos, os anarquistas do Brasil estreitar as laços solidarios das afinidades ideológicas, pondo-nos em contacto todos os militantes do movimento operario e libertario, para que todos os homens livres e revolucionarios que lutam pela transformação social, unidos moral e ideologicamente em um organismo especifico possam opôr um digue á onda barbara do fascismo brasileiro, que tão ciosamente, com o título de "integralistas", vai aparecendo pelos recantos do país.

É necessario impedir a obra de desvirtuação dessa onda reacionaria que visa acabar com as liberdades conquistadas com tanto sacrificio pela ação direta das rebeldias manifestadas em protesto e pela obra de proselitismo dos anarquistas, que em todo mundo são os que sustentam aceto o facho da revolta contra a opressão e exploração do homem pelo homem.

Aqui, neste rincão do Brasil, os anarquistas iniciamos uma forte campanha de combate á politica de todos os matizes, fazendo interessar a todos os militantes de luta que mais diretamente vão até a radical transformação da sociedade.

Organizamos a Federação dos nucleos operarios e antifascistas, atacando diretamente esse sindicato de Estado que os "revolucionarios" fascistas querem fazer engulir aos trabalhadores para, desta forma, fazer automatizar que melhor se prestem ao servilismo burguês.

Nessa obra, que vai dando os frutos apetecidos não obstante a pressão exercida pelas forças reacionarias, temos posto toda a nossa atividade, fazendo com que os scrupulos que estão obtendo de redentores do proletariado comecem a recuar nos seus propósitos escravizadores.

## Controvérsias e Unificação

Leitores da "Plebe", anarquistas e proletarios que somos, ansiando nova forma de vida, esta integralmente livre, não podemos e nem devemos ficar impassíveis, perante a divergencia verificada entre os companheiros de S. Paulo. Nós, entendemos que se deve discutir com elevado criterio, para esclarecer e achar o bom caminho, mas procurando sempre unificar os esforços de todos, uma vez que o fim é o mesmo, embora cada grupo ou componente de grupo ocupe o setôr que melhor convulgar sua afinidade. Dito isto, apresentemos o nosso ponto de vista. Entendemos que os sindicatos são criados como órgãos de luta de classes e defesa dos proletarios. Mas como tais, deviam desaparecer, quando atingida a meta revolucionaria, isto é — quando se verificar o triunfo da revolução expropriadora. Porque, ou se dissolverão porque deixou de existir a razão de sua existencia, ou se transformarão em outras tantas comissões de produção ou de distribuição, neste caso serão novos órgãos. Se, porém, subsistirem como sindicatos que são, e se entregarem em órgãos controladores da nova ordem que se estabelecer, passarão a ser nocivos, pelo perigo que possam oferecer, de se constituirem, ou originarem um novo poder. Estes devem ser todos destruidos. Agora outro ponto e que consideramos ainda mais importante. Devem os anarquistas imisquir-se nos sindicatos? Eis a questão. Devem. Mas com limites.

Quando hoje, o sindicato, se tornou um campo descoberto, para os verdadeiros idealistas arriscarem sem cobertura a sua liberdade, ao passo que se torna localia facil, para aqueles que á espreita de uma remuneração mais ou menos sordida, espreitam o momento de uma miseravel delação. Além disso, está hoje o Sindicato transformado em vasto campo, onde os demagogos assestam suas baterias para a conquista do prestigio que pretendem para galgar postos burocraticos. Os sindicatos, excepção feita dos de S. Paulo, estão hoje nas mãos de mistificadores de toda a especie, e os verdadeiros orientadores, são arduamente guerreados á socapa, pelos embusteiros do proletariado, e por um certo numero de fulanos que se constituem hoje, numa nova especie de parasitas. — Os funcionarios sindicais que se perpetuam em seus cargos farramente remunerados.

Santos, 12/2/34

## Grupo "Aurora do Porvir"

Marília - Estado de S. Paulo

Recebemos de Marília a seguinte comunicação:

Quando nos chegou a circular do Grupo Editor de "A Plebe" e "Terra Livre" já se havia formado, nesta localidade, um grupo anarquista baseado nos mesmos principios e finalidades.

Em uma reunião realizada no sindicato local os camaradas anarquistas demonstraram a necessidade de identificarem-se os trabalhadores com a obra de "A Plebe". Também aqui os "primos" andam fazendo campanhas difamatórias contra os anarquistas.

Isso, porém, tem redundado em prejuizo deles, pois estão perdendo terreno em todos os sentidos.

Alguns, que andavam iludidos com a labia desses "primos", estão se identificando com a nossa obra; um deles foi até nomeado tesoureiro do Grupo.

As razões do triunfo da nossa causa, aqui, são facéis de compreender.

Antes de iniciarmos aqui as atividades anarquistas, vinha qualquer "senhor" bem talante ao sindicato, falava em nome dos operarios, e como entre os trabalhadores ha uma extraordinaria ansiedade pela justiça e bem estar tudo estava muito bem; os operarios aplaudiam o primeiro cacique que aparecia.

Agora, que já tem havido controvérsias, os anarquistas tem, procurado demonstrar que a politica não der nunca beneficios aos trabalhadores.

Ainda há pouco tempo, um senhor que se dizia funcionario de uma Repartição do Ministerio de Agricultura, ante os argumentos expostos pelos nossos camaradas, teve que se retirar do recinto, não sem ouvir os aplausos com que os assistentes cobriam as palavras do camarada que destruiu a sua manobra politica. Pelo G. "Aurora do Porvir". O secretario.

## Centro Terra Livre

Terça-feira proxima, dia 6 do corrente, reunir-se-á o Centro Terra Livre para tratar de assuntos importantes.

Nenhum dos componentes deve faltar.

## "Verdades Sociais"

Já está no prélo, e será posto brevemente á venda o interessante livro do camarada J. C. Boscolo, intitulado "Verdades Sociais", que será vendido ao preço de 25000. Pedidos á nossa redação.



### Federação Operária de S. Paulo

Colocada agora na dura contingência da luta, pois o Ministério do Trabalho com o novo decreto sobre a lei de férias denuncia os seus propósitos de fascistação das classes trabalhadoras, a F. O. S. P. vem declarar aos sindicatos filiados, que aceitarão os princípios políticos da ação direta, o não colaboracionismo com o Estado nas questões que afetam a vida dos trabalhadores, o seguinte:

a) — que, reafirmando os seus princípios do sindicalismo revolucionário, não pactua com aqueles que, mentindo aos seus propósitos de "orientadores" das massas, estão se arvorando em porta-estandarte da sindicalização oficial, arma política nas mãos do capitalismo explorador, que visa o empunhamento completo das energias proletárias e o submissão covarde dos operários aos interesses da burguesia.

b) — que, contra as propostas esboçadas do Ministério do Trabalho empregando os meios ao seu alcance, procurando impedir que os trabalhadores se deixem arrastar até à dura prova dessa escravidão fascista.

c) — que vai promover uma forte agitação entre as classes, no sentido de esclarecer as propostas dessa medida reacionária, bem como incentivar a luta pela conquista de direitos de férias indistintamente, para todos os trabalhadores.

O proletariado paulista deve mostrar, mais uma vez, que não curta a cortez dos tiranos que pretendem amarrá-lo ainda mais à ganância exploradora do patronato.

### Sindicato dos Manipuladores de Pão, Confeiteiros e Similares de São Paulo

Sede social: Rua Quintino Bocaiuva, 80 — Telefone, 2-2706 — São Paulo

Camaradas:

O momento que atravessamos exige, pela gravidade com que se apresenta, que abandonemos as normas rotineiras e iniciemos uma campanha energética e inteligente capaz de abrir caminho no labirinto de confusões que reina no seio da classe.

A situação dos trabalhadores em Padarias e Confeitarias, tende a piorar dia a dia, se não puzermos um dique aos desmandos patronais, que não satisfeitos com as represalias que exercem contra os seus empregados, pretendem novamente implantar o regime desumano da jornada de 14 e 18 horas.

Mais um desengano para aqueles que esperavam ver melhorada a sua situação de produtores, amparados pelas leis sociais — férias, 8 horas de trabalho, convenções, fiscalização, multas e o diabo a quatro. Ninguém melhor do que os trabalhadores poderá interpretar o espírito das leis. Sabemos que nenhuma lei será cumprida se não for pela ação dos próprios trabalhadores, e como prova disto temos o caso da "Convenção" que teve um efeito nulo, o que era de esperar.

Existe a fiscalização do Departamento Estadual do Trabalho, que percorre as padarias, não com o propósito de castigar os reacionários, patrões, mas sim aconselhando-os e obrigando os operários a se prevenir da "Carteira Profissional". Trabalhadores, repudiem esse ferrão!

te policial que nos pretendem impor. A Carteira Profissional e a Lei de Sindicalização não tem outro significado que não seja o de nos cercar a liberdade e nos submeter a um controle, a fim de melhor garantir a exploração e o assédio dos que vivem do trabalho alheio.

Fatalmente teremos que empreender uma luta decisiva, e se preciso for, não hesitaremos em empregar, com todas as suas consequências, a Greve Geral, única arma eficaz e justificada ao alcance dos trabalhadores.

Diante da situação criada pela prepotência patronal, os manipuladores de pão e doces não nos tornaremos responsáveis pelas consequências que por ventura possa trazer. Se a tão lamentável extremo fôrmo levados não só iremos firmar a jornada de 8 horas de trabalho, mas também outras reivindicações que vivem na memória de todos aqueles que tomaram parte no movimento de Maio de 1932. Camaradas!

Não podendo prever as consequências que nos possam trazer duas vindouros de luta, pedimos a todos os sócios de se pôrem ao corrente com as mensalidades.

#### ASSEMBLEIA GERAL

E, pois, imprescindível, que todos compareçam a esta reunião, afim de entrarmos em acordo... e impedir que vingue a manobra patronal.

Todos à Assembleia, no próximo domingo, dia 4, às 14 horas.

A COMISSÃO.

Março de 1934.

### Liga Operária da Construção Civil

(Filial da Federação Operária de S. Paulo)

Sede social: R. Quintino Bocaiuva, 80

ASSEMBLEIA GERAL, DOMINGO, DIA 4, ÀS 9 HORAS DA MANHÃ

Aos trabalhadores da Construção Civil.

Companheiros: Encontramos-nos frente a uma situação verdadeiramente alarmante. De um lado, a exiguidade dos salários acrescida diariamente pela concorrência que impõe a falta de serviço; do outro, o Estado que para favorecer a classe capitalista, cada momento baixa decretos e disposições que ainda mais cercelam nossos direitos. Estamos, pois, à mercê do patronato. As conquistas do passado, aquelas que com tanto denodo e energia arrancamos aos abutres que nos exploram, desaparecem lentamente. Não mais se pode dizer gostamos da jornada de 8 horas. Não mais nossos salários correspondem ao custo da vida. Enquanto observamos o enriquecimento gradativo dos que vivem de nosso suor, constatamos o nosso empobrecimento e o de nossos filhos. Vegetamos em vez de viver. Nenhum conforto existe para os trabalhadores. Morar em péssimas, alimentações deficientes, ausência de higiene, eis ao que temos direito. Cultura, satisfações de ordem mais elevada, não foram feitas para nós. E se ainda isto não bastasse, e se ainda não fosse bastante nossa penúria econômica, o Estado, com todos os meios de opressão ainda procura escravizar-nos moralmente os arrastar-nos as regras, frutos de gloriosas lutas. A Lei

de Férias, conquista dos trabalhadores de todo o Brasil, arcançada ao reacionário Bernardes, o "liberalismo" governo da 2ª República, da criadora do Ministério do Trabalho, da que como programa trazia erguida a bandeira das reivindicações proletárias, acaba de anulá-la tirando-lhe o caráter de direito proletário para convertê-la em arma fascista contra as organizações operárias.

Trabalhadores da Construção Civil! Não podemos permanecer por mais tempo na inatividade em que temos estado nestes últimos tempos. O problema da desocupação como nós próprios os que estamos chamados a solucionar-lo. Os salários devem corresponder ao custo da vida, permitindo a todos nós viver humanamente e não vegetando. As férias ha que exigidas sem submeter-se o proletariado às absurdas imposições que como a sindicalização obrigatória e a carteira profissional, constituem um opróbrio e uma abdição da própria dignidade. Companheiros!

Se de fato queremos melhorar nossa situação, o primeiro passo para conseguí-lo ha de ser o de organizarmos na Liga Operária da Construção Civil, e comparecer às suas assembleias e reuniões.

No próximo domingo, 4 de março, às 9 horas da manhã, haverá uma Assembleia Geral de todas as categorias que integram a Liga, para discutir assuntos da maior importância. É de esperar que nenhum trabalhador consciente deixe de comparecer. Trabalhadores da Construção Civil, todos à assembleia do dia 4.

A COMISSÃO EXECUTIVA.

### A greve da Cristaleria Americana

Auxiliemos se preciso for, os nossos companheiros grevistas, socorrendo os mais necessitados economicamente!

A luta já perdura ha um mês, contra a prepotencia dos exploradores. Dispostos a prosseguir até a vitória final, os grevistas não perdem o animo e combatividade que os caracteriza. Esta não é a primeira luta em que se empenham estes dignos trabalhadores, e talvez nem a última, pela defesa de seus interesses e direitos, ora ameaçados pela ganancia patronal. Inumeros movimentos tem sustentado estes nossos companheiros, chegando mesmo a vencer um após trinta e três dias de greve, cujo desfecho obrigou os patrões a pagarem aos operários parte dos dias que perderam pelo motivo da greve.

O Ministério do Trabalho procurou por todos os meios jugular a greve dos vidreiros, nessa ocasião, mas os seus propósitos foram frustrados ante a compreensão daquêles operários. Agora os grevistas estão exigindo o pagamento integral dos dias que perderam pelo motivo da greve, pois o responsável unico é o industrial.

Embora o Departamento fascista não tenha intervido ainda nas questões destes operários, pelo menos procurou os patrões para orientá-los contra o justo movimento que, fatalmente, será vitorioso. A primeira manobra movida contra os grevistas, foi demitir, em massa todos os operários da casa. A atitude dos operários demitidos foi formal ante o nojento processo urado pelos tubarões, sob a orientação do Departamento do Trabalho: compareceram todos à fábrica para receberem suas contas, de acordo com um aviso afixado à porta da fábrica, no qual eram convidados pela gerencia a receberem seus pagamentos.

As contas estavam todas prontinhas no escritório da fábrica, mais os pagadores, se esquecerem, ou talvez ignorem que os operários, uma vez demitidos, tem direito a oito dias de indenização assim como das férias tanto dentro como fora da lei, pois são direitos adquiridos pelo proletariado.

Não aceitaram o pagamento, pois estavam incompletos, e agora exigem o seu cumprimento.

### Comício Popular em Vila Marlana

Promovido pela Federação Operária e Liga Operária da Construção Civil, realizar-se-á hoje, às 20 horas, na rua Franca Pinto, um comício popular de propaganda associativa. Falarão varios oradores.

### "A PLEBE" em Sorocaba

A Liga Anticlerical desta cidade está em franco desenvolvimento.

Tem estado muito animadas as suas reuniões, e o entusiasmo é profundamente animador.

No dia 3 de março, a convite da liga, chegará a esta cidade o escritor d. Maria Lacerda de Moura, que fará uma conferência sob o tema: O Fascismo, filho diléto da igreja romana.

Nota-se grande interesse por esse ato de propaganda, dando-nos a certeza de que o salão vai ser pequeno para conter o povo que ali irá para ouvir a palavra da conhecida conferencista.

Reapareceu, em sua segunda edição o jornal "O Libertador", sob a direção de Crispim Cesar Pinto.

É um jornal bem feito, de conteúdo, que muito irá concorrer para a defesa dos interesses do povo.

O correspondente.

### União dos Artefices em Calçados e Classes Anexas

Trabalhadores da Indústria do couro e do calçado, as férias nos correspondem porque produzimos em benefício do patronato e não por sindicalismo nos no "Departamento do Trabalho".

Companheiros! Acaba de sair da garagem ministerial, onde se encontrava em concerto, a "complicadíssima" lei de férias, cuja recauchutagem habilidosa e levemente a efeito por aqueles "empregados" de leis, é mais uma pessima recomendação para aquele estabelecimento tutelar. Já é do vosso conhecimento que os poucos operários que foram contemplados com as férias, o foram pela sua ação franca e decidida em luta direta com o patronato e não pela pressão da lei sobre este. Sabeis também que, a carteira profissional foi regeitada pelo proletariado como mercadoria imprestável: tratava-se apenas de arrancar-nos, impunemente, alguns mil-réis que tanta falta nos fazem. A sindicalização oficial foi repudiada pelos trabalhadores de S. Paulo por ser uma malha onde se pretende envolve-los para que estes não possam reunir-se livremente e discutir com conhecimento de causa os problemas que lhes afetam. Os operários de Cuba estão sendo neste momento, vilmente metralhados por aquele governo, porque não querem jungir-se à sindicalização, por considera-la uma truículencia fascista, e o proletariado francês repelia esta mesma lei com todo o vigor historico que lhe conhecemos em fins do século.

### Munições para "A PLEBE"

Contribuições, venda avulsa e assinatura na redação: Aroca, 35; Aguilhar, 15; Eugenio, 25400; Um que não deixou o nome, 25; Otorino, 35; C. Civil, 45; Ernano, de jornais, 15; Gaioso, 35; Padilha, 75; Festa, 25400; José Romero, 105; C. Pina, 105; I. Cerruti, assinatura, 105; contribuição, 15; E. Dagnio, 55; L. Mascoto, 105. Venda avulsa na redação e na festa, 75800. Total, 745800.

Contribuições de varias localidades — Palestina, J. I. Soares, 205; Franca, Z. Neto, 105; Sorocaba, L. Ramos, 55; Ourinhos, M. Galego, 25500; Taquaritinga, Malvazi, 105; Cravinhos, Marsicani, 105; Porto Alegre, A. Garcia, 105; Rio Grande, A. Lima, 155; S. Anastacio, F. Garcia, 105. Total, 925500.

Assinaturas recebidas pelo camarada L. Pampolini, em viagem pelo interior: I. Uchôa, A. Rossini, 105; R. Marasi, 105 e J. de Deus, 105; Araquara, Goeliardo, 105 e Telemaco, 105; Ibitinga: C. Felix, 105; P. Flores, 105; J. Tomazeli, 105 e Jiota, 105; Santa Adella Jiovaroto, 105; Catanduva, M. Fernandes, 105; Gigli, 55 e J. Mavale, de S. Paulo, 105. Total: 1258000.

De Marília: Marchan, 55; J. Garcia, 55; F. Ortiz, 55; G. Agrador, 105. Total, 258000.

De Olimpia: D. Rodrigues, 105; Aida, 105 e Cravo, 105. Total, 308000.

Lista n.º 164, a cargo do camarada F. D'Onofrio — S. Paulo: Francisco, 55; Balila, 55; Gualtiere, 15; Stramari, 15; Hugo, 15; Elza, 15; Claudio, 15; Sala, 15; Giuliano, 15; Lacerda, 5400; Grilli, 5500; Fava, 15; Salvi, 25; Artur, 15; Oliveira, 15; Ramos, 5500; Tabal, 15; Delfino, 500; Rafael, 5500; Gomes, 15 e Belono, 15. Total, 285400.

Lista de Conquista: Olivio, 55; Elidio, 15; Barra, 15; Dias, 55; Costa, 15; Gerardo, 15; Vergilio, 15; Magnino, 15; Melo, 25; Abraão, 15 e Daniel, 15000. Total, 208000.

Nucleos de contribuintes — São Paulo: Cartão n.º 4 — A. Fronteira, 105; Arias, 105; Matias, 105; Benevenuto, 105; Balderama, 35; Rampas, 35; Galan, 55 e Castanho, 35. Total, 577000.

Cartão n.º H — Afonso, 25; Ernano, 25; Valente, 105; Piedinho, 25. Total, 160000.

Cartão n.º 20 — Vila Talavica, 5500; Grato, no cartão do Eugenio, 15; Germinal, 105 e Andreoni, 105. Total, 58000.

lo passado. Infiere-se daí, que essa novidade "revolucionaria" é uma velhacaria política que acaba de sufocar de vez, com uma capa de chumbo, todas aquelas esperanças que o povo paulista em 1930, num crepitar de entusiasmo, exteriorava, conquistando as ruas de S. Paulo. Nem um saque! Nem um assalto aos armazéns! Era tal a confiança nos novos "deuses"! E agora, como premio da nossa solidariedade, a mordaza, a censura, as patas de cavalos, as deportações para as ilhas e a perseguição sistemática às nossas organizações.

Companheiros! O decreto que instituiu a sindicalização forçada para receber as férias, é a mais vil e rasteira das manobras; visa apenas o abandono pelos trabalhadores de seus verdadeiros sindicatos para ingressarem no Departamento do Trabalho onde serão controlados como ovelhas mansas. Mas para as férias terão que haver-se com o patronato que nunca está disposto a capitular diante de uma simples carteira profissional, e lembramos de passagem que o decreto anterior também dizia multar a quem infringisse a decantada lei. Repetimos: as férias correspondem-nos porque somos trabalhadores e não pela nossa condição política. É evidente, pois, o interesse utilitário do governo conforme demonstramos acima, em querer, a pretexto de garantir as férias, manietar o proletariado cuja inquietude manunifera é um penoso pesadelo para o capitalismo já periclitante.

Porém, a União dos Artefices em Calçados, orientadora dos trabalhadores deste ramo, sente-se na obrigação de desmascarar essas ridiculas aberrações, ejacladas pelos que nunca conheceram as vicissitudes que se sofrem nas fabricas e oficinas, e pretendem confundir o enxergo imundo onde dormitamos em nossas poeiras sombrias, com o aconchego macio de seus gabinetes luxuosos, de vidas regaladas e refestelados nas flacidias poltronas. Aqui estamos, pois, para resistir com denodo, como resistimos por longos anos ao infame estado de sitio, assim resistiremos à sindicalização fascista-clerical do Ministério do Trabalho e altearemos, bem alto, a nossa bandeira autonoma e revolucionaria na luta em que nos encontramos empenhados para a emancipação completa da classe trabalhadora. Senhores governantes! Dentro das nossas organizações não ha somente faces cadavericas e estomagos vazio, ha, tambem, coresções nobres e mentalidades sadias, inabalaveis e indiferentes a todo furbulismo governamental.

Companheiros! Queremos as férias e não a sindicalização! Somos operários livres e não ovelhas de rebanho! Todas as segundas-feiras, grandes Assembleias Gerais em nossa sede social, rua Quintino Bocaiuva, 80. S. Paulo, fevereiro de 1934.

A COMISSÃO EXECUTIVA.

### NOSSO BALANCETE ENTRADAS

|   |          |
|---|----------|
| Contribuições e assinaturas na redação  | 745800   |
| De varias localidades do interior   | 925500   |
| Recebido por Pampolini  | 1258000  |
| De Marília  | 258000   |
| De Olimpia  | 308000   |
| Lista n.º 164   | 285400   |
| Lista de Conquista  | 208000   |
| Nucleos de contribuintes de S. Paulo  | 938000   |
| Contribuições publicadas no numero anterior   | 325800   |
| Total geral   | 8185500  |
| Nota: — Nas "munições" publicadas no numero anterior, onde se lê: Graha, Martins, leja-se Monteiro. |          |
| DESPESAS  |          |
| "Deficit" do n.º anterior   | 6178000  |
| Confecção e compilação dos numeros 56 e 57 (edição de hoje)   | 8208000  |
| Confecção de 5 paginas de enderecos   | 1108000  |
| Aguel da sede até 12-3-34   | 600000   |
| Selos para expedição e correspondencia de dois numeros  | 418800   |
| Um cartão   | 58000    |
| Total   | 16338500 |
| CONFRONTO   |          |
| Despesas  | 16338500 |
| Entradas  | 8185500  |
| "Deficit"   | 8153000  |

S. PAULO 3 de Março de 1934

Cada dia que passa se torna mais empolgante o movimento libertario na peninsula Iberica.

O espirito anarquico se manifesta no povo espanhol cada vez com maior intensidade.

Mau grado a reacao do Estado republicano que tao dolorosa experiencia custou aos trabalhadores espanhols, a revolucão continua a sua marcha para o comunismo libertario.

Safu das barricadas onde foi batida pelas forcas mercenarias do capitalismo, mas permanece na consciencia do povo, que não esconde os seus anseios pela liberdade vivida por algumas horas em quasi toda a Espanha, manifestando-se, sempre que ha motivos, por todas as formas e meios.

Para se avaliar a impotencia a que ficou reduzido o governo espanhol basta ver que, mesmo após estar dominado o movimento anarco-sindicalista, não obstante estarem os carcereos espanhols abarrotados de militantes anarquistas, a C. N. T. ainda impõe, isto é, cada vez impõe maior respeito.

De "El Sol" diario burgues e reacionario de Madrid, tiramos a seguinte noticia, que bem revela a forca da Confederação Nacional do Trabalho, mesmo com as suas portas trancadas pela policia, apesar de estar fóra da lei.

**O governador civil impôs uma multa de 5.000 pesetas á Empresa teatral que acordou com a C. N. T. o levantamento do boicote que lhe havia sido declarado pela mesma**

SARAGOÇA, 11 (2.30) — Dias passados foi detido pela policia um sindicalista que estava sendo procurado desde algum tempo, e com o qual foram encontradas umas bases de acordo entre o Sindicato de Desportos e Espectaculos e uma empresa desta capital, nas quais se estabelecia um acordo para cessar o boicote declarado a essa empresa.

Hoje foram detidos mais dois sindicalistas, e um deles levava determinada quantidade em dinheiro, que o individuo justificou ser uma parte da importancia de 3.000 pesetas que a referida empresa de espectaculos havia entregado ao sindicato como indenizacao, para que cessara o boicote.

Diante desse fato, o governador, tendo em conta as circunstancias, porque passou e ainda está passando Saragoça, e fundamentando-se em preceitos da lei de Ordem Publica, alegando que nenhuma empresa pode pactuar com a C. N. T. por estar fóra da lei impôs á dita empresa a multa de 5.000 pesetas.

## Primeiro ano da Revolução

Proibido de circular o diario "C. N. T.", orgão da Confederação Nacional do Trabalho, os anarquistas espanhols estão publicando um novo jornal — "Revolução".

E' tal o otimismo dos revolucionarios espanhols no triunfo da revolucão social, que, sob o titulo do jornal encontra-se este distico: **Primeiro ano da Revolução.**

Como a sua publicação é clandestina, o jornal é distribuido de mão em mão, e, de tal forma, que, no mesmo jornal "El Sol" encontramos tambem o seguinte comentario a respeito da maneira como se faz a obra entre os camaradas espanhols:

BARCELONA, 11 — Esta manhã foram vistos varios individuos distribuindo uns manifestos clandestinos na rua Alta de São Pedro e na Praça de Urquinaona.

Esses manifestos estavam firmados pelo Comité revolucionario da C. N. T. e neles se recomendava aos trabalhadores a não votar nas proximas eleições, expressando ainda mais que apesar das perseguicoes de que estão sendo alvo os militantes da C. N. T. por parte das autoridades, a Confederação ressurgirá com maior impulso que nunca.

Ao ter-se noticia na chefatura desta distribuicao saíram varios agentes para o lugar onde isso se verificava; não lograram, porém, deter os distribuidores, porque já haviam desaparecido.

Isto demonstra que dentro da lei ou fóra dela, com ou sem autorizacao da policia, os anarquistas fazem obra, porque eles são movidos por um ideal, e a idéa é pensamento, é vida, é movimento, é revolucão!

## Um manifesto da Confederação Nacional do trabalho, AO POVO

A reacionaria e sangrenta atuacão do Estado espanhol frente ao povo que mais uma vez, em generoso impulso, intentou libertar-se do jugo capitalista para estabelecer um regime de igualdade economica, politica e social, marcou na história nacional um novo marco de extremada tirania estatal. Como cumpre aos representantes do capitalismo, sejam eles da cor que forem, o movimento comunista-libertario iniciado e mantido pela C. N. T. foi por eles atogado em sangue. E nesta luta gigantesca, genuinamente revolucionaria, a C. N. T. esteve só, como sempre, enquanto os partidos politicos que, unicamente, se diziam e se dizem netamente re-

## Recuos e "táticas" do bolchevismo

Em uma reunião havida por iniciativa da Federação Operaria de São Paulo, de varias organizações obreras conjuntamente, para tratar do momentoso caso da lei de férias, o representante gráfico fez perentoria declaração de que a União dos Trabalhadores Gráficos irá até á sindicalização oficial, para não perderem eles, os orientadores, o controle das "massas" gráficas.

Quer dizer: politicos como são, raposas como todos os outros politicos, não tem nenhum escrúpulo em submeter os trabalhadores da enorme corporação, cujo passado na história do proletariado é cheio de lances magníficos de luta, ao jugo do Ministerio do Trabalho e, consequentemente, aos interesses do patronato.

Esses senhores bolcheviques, quer da direita quer da esquerda, aqui como em toda a parte, não tem feito outra coisa senão desorganizar e levar a confusão ao seio dos sindicatos das classes onde conseguiram penetrar e exercer a sua nefasta influencia.

A U. T. G., como a U. dos Trabalhadores em Fabricas de Tecidos, foram as organizações que mais sofreram com a açáo corrosiva da "tática" bolchevista.

A U. T. G., que já reuniu em seu seio a numerosa classe dos gráficos da capital, foi a primeira a sofrer a influencia daninha dos novos pastores do proletariado.

Depois de varios anos de atuacão "revolucionaria" dos próceres trozkistas, ficou reduzida á expressáo mais simples do corporativismo classista, sem vida e sem ideal.

Obcecados pela sua "politica" de "multidões", de "massas como base", etc.; os "orientadores" da politica sindical foram se amoldando até á expressáo mais ridicula da ironia classista. Depois de haverem criado o departamento de esporte, danças, futebol, etc., já chegaram ao ponto de andar a U. T. G., um organismo revolucionario dos trabalhadores, agitando a sua bandeira no delirio, no delírio, na loucura dos cordões carnavalescos, pois até isso já tivemos o desgosto e a repugnancia de ver nas ruas da cidade.

Todas essas transigencias "táticas" não foram suficientes para manter a classe gráfica unida sob a férula dos pastores bolchevistas.

Se, por uma questão de "tática" querem os bolchevistas pastorear rebanhos de carneiros, poderiam ingressar nos clubes carnavalescos, que, principalmente no Rio, lhes facilitariam, ao menos três dias por ano, o gosto de ter as "massas" ao seu lado.

Nas congregações religiosas das Marianas, tambem eles poderiam encontrar os seus famosos "elementos de base", por ocasião das procissoes da semana santa.

Essa ultima "tática", agora, de que se fez arauto o representante gráfico, vem demonstrar, mais uma vez, a retidão, a per-

sonalidade social dos anarquistas, que não transigem, não pactuam, não colaboram, embora caluniosamente o afirmem essas senhores, com nenhuma facção politica, com nenhuma panacéia do capitalismo.

De concessão em concessão, de adaptacão em adaptacão, as organizações sob a influencia dos bolchevistas vão rolando para o abismo, quando não se estafelam e desorganizam de todo, como aconteceu com a numerosa classe dos tecelões e outras como a Internacional dos garçons, que vive agora á custa e por esmola das companhias de cervejaria.

Não sabemos como classificar a atitude "legalitaria" do procer "revolucionario" que, no momento preciso em que se evidencia o fracasso e a demoralização da sindicalização oficial, venha aconselhar a adesão da U. T. G. ao Ministerio do Trabalho.

Isto, em linguagem revolucionaria, chama-se deserção.

Pode ser que na linguagem confusionalista do marxismo tenha outro nome; nós, porém, como não compreendemos essa linguagem, chamamos a isso colocar-se contra os interesses do proletariado.

As razões apresentadas na reunião da Federação pelo representante da corporação gráfica, para justificar esse recuo, são por demais pueris, falhas de logica e de ideologia revolucionarias.

Só se justificam como manobra para acobertar uma manobra politiqueria de quem quer ser "chefe" e pastor de rebanhos doces e numerosos.

Como politico bolchevistatrotzkista, não quer, porque não lhe convém, sindicatos de trabalhadores conscientes e ativos, onde os seus elementos, que não seriam "elementos de base" sejam capazes de tomar atitudes que digam de sua firmeza, e que tenham açáo coerente com a ideologia da verdadeira transformação social.

Isso vem evidenciar, mais uma vez, que o proletariado, nas mãos desses politicos, não pôde e nem deve esperar senão a "liberdade" de submeter-se ás suas conveniencias partidarias, quer jogando com eles como elemento eleitoral, quer como "elemento de base" para demonstrações publicas de força, onde, geralmente os seus "chefes" ficam de longo a espiar como as "massas" resistem ao chafalho da policia...

Nós, os anarquistas, que sempre negamos o nosso concurso a qualquer obra de colaboracionismo com o Estado, prezamos muito o patrimonio moral que temos, e que adquirimos no trilho da senda ideologica que traçamos e seguimos com coerência.

Sabemos e temos a certeza que ninguém como o povo sabe distinguir e apreciar as atitudes dos homens que atuam no seu meio.

ta sob a bandeira do comunismo libertario.

O resto, desde o fascista Gil Robles até ao comunista Bolivar, passando por Lerroux e Largo Caballero, constitui uma corja de inimigos da soberania popular, da verdadeira liberdade e da verdadeira justiça.

São partidos e representantes de partidos cada um dos quais disputa o poder para si, não para o povo e, muito menos, para o proletariado.

## O nosso compromisso revolucionario

A C. N. T., fiel aos seus postulados revolucionarios, cumpriu o seu dever.

Tendo em conta que não ha sacrificio estéril em prol da libertação humana e que cada gesto revolucionario contribui para debilitar o poder do Estado e encerra, ao mesmo tempo, uma caudal de experiencias que serão de grande utilidade para futuras lutas, advoga para si toda a responsabilidade do movimento.

E não é á C. N. T. que corresponde, em justiça, atribuir o não haver logrado o triunfo, mas, mais do que a ninguém, á traição dos núcleos politicos socialista e comunista, e ás organizações sindicais que estes encaudilham e que sob o seu controle são a negação revolucionaria.

Estamos, pois, orgulhosos da nossa atitude, da decisão dos nossos quadros, da orientação comunista-libertaria, seguida da abnegação do espirito de sacrificio em holocausto á emancipação humana.

Para vencer-nos teve o governo que usar os seus grandes recursos repressivos e difamatórios, o que significa, por si só, a transcendência do acontecimento reivindicativo do anarco-sindicalismo espanhol.

## Os nossos Martires e o caminho a seguir

Milhares de camaradas de companheiros, tombaram na refrega.

Uns, sepultados nas tumbas dos cemitérios, e outros, sepultados nas masmorras com severissimas sanções penais.

Aos servidores do Estado que tombaram defendendo o seu salario, lhes ha cantado a imprensa mercenaria jornadas gloriosas de falso heroismo e os socorre.

Aos nossos irmãos, que combateram heroicamente por um ideal de justiça, essa mesma imprensa, vil e mercenaria, trata-os como se fossem cães ferozes.

E' a obra crônica dos laçaios do jornalismo que servem ao amo e não á verdade, que glorificam ao estomago e enlodam o coração e as idéias de grandeza.

Mas a C. N. T. continuará na estacada, cobrirá as baixas das suas fileiras, salvará os companheiros encarcerados, com ou sem apistia, e manterá bem alto a divisa da liberdade.

Os trabalhadores devem continuar a sua obra sindical, mostrar-se solidarios com os que tombaram, e perseverar a obra da revolucão que está em marcha.

Primeiro foi Figols que proclamou o comunismo libertario.

Depois foi Casas Viejas e a seguir outras povoações pequenas da martir Andaluzia.

Agora foram comarcas inteiras nas quais ondulou a bandeira vermelha-negra.

Amanhã será a Espanha toda que estabelecerá o novo regime sem castas nem classes, no qual não exista á miseria nem a tirania.

Viva a C. N. T.!

O. COMITE.

— A liberdade é o sol da atividade humana, debaixo do ponto de vista de todas as suas manifestações fisicas, morais e intelectuais.

E' tão necessaria ao desenvolvimento, á florescencia, á prosperidade, á frutificação das artes e das ciencias, como o sol é para as plantas, e, como estas perdem a cor, se este-reotipam e acabam por perecer na obscuridade, assim tambem os violadores da liberdade, agarrados aos privilegios, ficam inertes, e, por fim, corrompem-se.

Cryso.

A unica forma jornalística capaz de na hora presente, ferir fundo é a que esbofeteia a hipocrisia infame da sociedade egoísta e sifitica que nos cerca.

FIALHO DE ALMEIDA

## A sindicalização compulsoria

E' tão infame e tão fortemente abeira dos nossos sentimentos de povo livre a obrigatoriedade da sindicalização oficial, que os proprios jornais da burguesia, conhecidamente reacionarios, se manifestam contra tamanho arrocho das classes trabalhadoras.

E' da "Folha da Noite" o seguinte comentário:

"A Associação Paulista de Imprensa anda preocupada com o recente decreto do governo federal, que impõe a determinadas classes, entre as quais a dos jornalistas, a inscrição, nos sindicatos profissionais. Só os trabalhadores que estiverem sindicalizados poderão nos termos desse decreto, gozar do direito de férias.

A sindicalização é medida que poderá determinar grandes benefícios a todas as classes. Na farta legislação social apparecida depois de 1930, porém, cuidou-se do assunto de tal maneira que se deturpou por completo esse instituto. Com efeito, não ha homem conscio do seu direito á liberdade que se inscreva, satisfeito, num sindicato que não tem facilidade de movimentos? Junto á diretoria de cada sindicato existe um fiscal do Ministerio, cujos poderes vão até ao extremo de destituir essa diretoria. E não é só. A lei de sindicalização estabelece o sindicato unico, isto é, organizando-se tres, quatro ou mais sindicatos, tem eles de concorrer á aprovação do Ministerio do Trabalho. Este escolhe um dos sindicatos, e desde então não se poderá formar qualquer outro para a mesma classe.

Agora, quando existem ainda tais medidas que evidentemente estão impedindo o desenvolvimento dos sindicatos, o governo federal procura sindicalizar compulsoriamente as classes trabalhadoras, sob pena de lhes cassar o direito de férias.

A A. P. L. que é obrigada a zelar pelos interesses dos seus associados, está estudando o assunto. Devia, porém, concomitantemente, encabeçar um movimento de protesto contra essas medidas absurdas da lei de sindicalização que, não só estão impedindo que os sindicatos sejam recebidos com simpatia pelas classes interessadas, como os estão marcando, desde o inicio, como uma criação autoritaria, á qual não se deve apoio."

## Arbitrariedades Policiais

Procuraram a nossa redação algumas pessoas de Vila Neves que vinham protestar contra a prisão do sr. Marcelino Serrano, efetuada a 24 do corrente, sem motivo justificado.

Essas pessoas nos afirmaram mais que se trata de rivalidades profissionais, pois sendo o delegado de Vila Neves dentista, isto é, coléga do sr. Marcelino Serrano, o mandara prender como comunista, por questões de concorrência.

São frutos desta sociedade pôdre com a qual é preciso acabar.

## Centro de Cultura Social

Sede: Rua Quintino Bocaiuva, 80 — S. Paulo

### Conferencia

Sábado, dia 3, haverá no C. C. Social, uma palestra histórica pelo jornalista e companheiro Jovelino Camargo Junior, que dissertará sob o tema: "A Inglaterra ante o trafico da raça negra".

Sendo uma conferencia interessante, pelo tema que desenvolve, o C. C. Social convida aos estudiosos e a todos os que se interessam por assuntos de atualidade.

Entrada franca. O secretario.